

Prefácio

Stephen Halliwell

As *Nuvens* ocupam um lugar muito especial entre as peças supérstites de Aristófanes. O motivo principal é que essa obra contém nosso mais antigo testemunho substancial da impressão que os atenienses tinham de Sócrates, que permanece uma das figuras mais fascinantes de toda a Antiguidade (para não dizer de toda a história da filosofia). Pessoa alguma pode ler as *Nuvens* cuidadosamente, e menos ainda traduzi-las, sem enfrentar as formidáveis dificuldades de tentar extrair um sentido – ou imaginar se é *correto* tentar extrair um sentido – da notória descrição que a peça faz de Sócrates como o diretor de um “instituto do pensamento” (*phrontistérion*). A comédia de Aristófanes foi, inevitavelmente, arrastada para as controvérsias da “questão socrática”: quem exatamente era o enigmático Sócrates? qual era a natureza de sua influência sobre seus companheiros? e por que foi ele, finalmente, condenado à morte por sua própria cidade?

O *status* da peça nesse contexto mais amplo continua a dividir a opinião dos críticos. São as *Nuvens* uma mera paródia do Sócrates histórico, ou elas nos dão pelo menos um vislumbre indireto do que (alguns) atenienses podem ter pensado sobre ele antes de Platão e outros socráticos transformarem-no em um “herói” filosófico? Seria a peça realmente hostil a Sócrates e aos *phrontistérion*, ou mesmo aos filósofos de modo geral, ou ela almejaria um efeito cômico mais sutil do que esse? Essas questões, e outras relacionadas, colocam sérios desafios aos leitores e intérpretes com preocupações históricas. Elas se tornam ainda mais difíceis pelo fato de que o texto que nós possuímos da peça não é o de sua produção original (em 423 a.C., quando Sócrates tinha aproximadamente 46 anos), mas uma versão parcialmente revisada e aparentemente não encenada de alguns anos mais tarde. Não podemos ter certeza acerca dos detalhes precisos

das mudanças feitas por Aristófanes no texto original, e tampouco sabemos por que ele jamais terminou a revisão.

Muitos críticos das *Nuvens*, compreensivelmente, consideraram difícil escapar da negra sombra “retrógrada” do julgamento e da execução de Sócrates em 399 a.C. Se um júri ateniense terminou por condenar Sócrates como subversivo e perigoso (por supostamente “corromper os jovens” e “não aceitar os deuses da cidade, mas introduzir novos deuses”, não deve o retrato de Sócrates feito por Aristófanes nas *Nuvens* ter contribuído por sua própria conta para o sentimento hostil ao filósofo? Afinal de contas, esse é um retrato de um intelectual cuja “escola” de fato (entre outras coisas) rejeita os deuses gregos tradicionais e ensina um tipo de retórica cínica que permite colocar em questão valores tradicionais de justiça e ordem social. Essa espécie de leitura da peça alega encontrar apoio para suas ideias na famosa *Apologia* de Platão, na qual se faz referência às *Nuvens* duas vezes. Entretanto, se olhamos com muita atenção para o que Platão faz Sócrates dizer a respeito das *Nuvens* em seu discurso de defesa, vemos que ele na verdade *contrasta* a comédia com as atitudes das pessoas que nutriam “ressentimento e maldade” contra ele. E ele (discutivelmente) usa as *Nuvens* para sugerir que certas distorções de suas próprias ideias produzem um “absurdo” que não tem lugar senão na *comédia*: nela, pelo menos, elas podem servir a uma função propriamente teatral. Contrariamente ao que é afirmado de costume, não é de modo algum claro se Platão pensava que as *Nuvens* tinham parte da culpa pela condenação de Sócrates.

O que quer que se faça dessas passagens da *Apologia* de Sócrates (e tenhamos em mente que Platão era uma criança pequena quando as *Nuvens* foram encenadas pela primeira vez, e ainda que boa parte da primeira audiência da peça já estaria morta, especialmente por conta das casualidades decorrentes da Guerra do Peloponeso, na época em que Sócrates foi levado a julgamento, quase um quarto de século mais tarde), há traços das *Nuvens* mesmas que deveriam no fazer hesitar em julgá-las como uma obra de anti-intelectualismo grosseiramente hostil ou declarado. Deixe-me mencionar apenas um ponto fundamental e intrigante. Há uma seção da peça chamada *parábasis*, na qual o coro se dirige diretamente à audiência na voz do dramaturgo. Essa é uma das partes que Aristófanes reescreveu depois da primeira encenação – nós o sabemos porque ela se refere claramente à primeira encenação (e ao fato de não ter ganho o primeiro prêmio na competição teatral). Nessa seção, Aristófanes emprega uma série de termos para defender a peça como uma exibição de invenção cômica inteligente e sofisticada (linhas 518-562). Ao fazê-lo, ele emprega vários termos-chave, que são aplicados ao próprio Sócrates e também aos seis colegas intelectuais em outras passagens da peça. Em outras palavras, os valores cômicos de Aristófanes parecem – talvez paradoxalmente – ter algo em comum com os filósofos representados nas *Nuvens*.

Longe de ser simplesmente anti-intelectual, as *Nuvens* em si mesmas são, creio eu, um tipo de comédia intelectualizante e autoconscientemente “inteligente”. Se a peça cria uma sensação de absurdidade em relação a muitas das características dos filósofos, ela também dirige o riso contra seu estúpido protagonista, Estrepsiades, que é completamente incapaz de entender qualquer coisa que Sócrates tente ensinar a ele. Assim sendo, a peça ainda clama por leitores sutis e “inteligentes” que possam apreciar sua complexa manipulação de ideias e que continuem a pensar e a argumentar a respeito do significado dos seus temas.

Toda tradução das *Nuvens* ajuda a angariar novos leitores para essa tarefa, a reavivar o interesse dos leitores existentes, e a manter viva a rica importância cultural da comédia. Dessa forma, fico muito feliz por ter esta oportunidade de dar calorosas boas-vindas à versão da peça produzida, sob a direção do Professor José Carlos Baracat Junior, pelo grupo formado por alunos e professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e de outras instituições. Estou bastante impressionado pelo compromisso que essa empreitada representa. Espero que a tradução tenha traduzido satisfação àqueles que a produziram e que seja apreciada por aqueles que a lerão¹.

St. Andrews, Escócia, abril de 2013

¹ Traduzido por José Carlos Baracat Junior.